

Eça de Queirós, é um dos mais importantes nomes da literatura portuguesa. Foi um homem socialmente empenhado e ativo – além de escritor e ensaísta, foi também jornalista, epistológrafo e chegou mesmo a ocupar alguns cargos políticos. Notabilizou-se pela originalidade e riqueza do seu estilo e linguagem, nomeadamente pelo realismo descritivo e pela crítica social constantes nos seus romances¹.

1845

De nome completo José Maria de Eça de Queirós nasceu a 25 de novembro, numa casa na Praça do Almada, na Póvoa de Varzim, no centro da cidade.

Filho do magistrado José Maria de Almeida de Teixeira de Queirós e de D. Carolina Augusta Pereira de Eça, oriunda de uma família de militares de alta patente foi batizado como 'filho natural de José Maria de Almeida de Teixeira de Queiroz e de mãe incógnita'.

Esta situação não era incomum na época. Acontecia em casos similares nos registos de batismo quando a mãe da criança pertencia a estratos sociais elevados e havia a necessidade de ocultar a sua identidade por interesse da família.

Foi o magistrado que assumiu a paternidade e a responsabilidade de Eça que foi assim levado para a casa da sua madrinha, em Vila do Conde, onde permaneceu até aos quatro anos. Posteriormente foi entregue aos cuidados da sua avó paterna, na chamada casa de Verdemilho, em Aradas, Aveiro, e onde permaneceu até aos dez anos.



Gravura do Largo das Dores, na Póvoa de Varzim, localidade onde nasceu Eça. Litografia de Ramalho sobre uma fotografia de A. Novais



Pai de Eça, José Maria Teixeira de Queirós.



Mãe de Eça, Carolina Augusta Pereira d'Eça de Queirós



Pais de Eça de Queirós

1855

Morre a sua avó paterna e Eça, sem avós, acaba por ir viver com os pais e os seus quatro irmãos, no Porto. De seguida é matriculado no Colégio Interno da Lapa, onde efetua os estudos secundários e conhece os irmãos Resende, Luís e Manuel que virão a ser seus futuros cunhados. Neste colégio estabelece também um vínculo afetivo e uma relação de amizade com Ramalho Ortigão, à época seu professor de Francês.

1861

Ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Eça manifesta desde cedo um interesse pela literatura, e no meio académico conhece outros jovens intelectuais – Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo, Oliveira Martins, Antero de Quental, entre outros – com quem partilhava os mesmos interesses ideológicos e culturais baseados em novas correntes europeias de pensamento, de valores e de escrita. Este grupo académico de Coimbra foi mais tarde apelidado de 'Geração de 70' e acabaria por deixar um marco profundo na história da literatura portuguesa.

É neste meio que se proporciona a célebre polémica literária, intitulada posteriormente de 'A Questão Coimbrã', que confronta os defensores da velha escola ultrarromântica, como a de António Feliciano de Castilho com os jovens estudantes, e que marcaria o início do movimento realista em Portugal, do qual Eça foi o mais exímio representante.

Foi nesta altura que, incitado por Antero de Quental, Eça passou a escrever folhetins dominicais para o jornal 'Gazeta de Portugal' que constituem os seus primeiros trabalhos escritos e que seriam mais tarde publicados num volume intitulado 'Prosas Bárbaras'. A sua colaboração para o 'Gazeta de Portugal' acabaria por influenciar Eça, dando-lhe o gosto pelo jornalismo crítico, ramo que nunca mais abandona por completo pois acaba por ser colaborador em vários jornais e a escrever esporadicamente folhetins, crónicas e contos, durante toda a sua vida.



Geração de 70
De pé: Conde de Sabugosa, Carlos Mayer, Carlos Lobo de Ávila, Oliveira Martins, marquês de Soveral, Guerra Junqueiro e conde de Arnoso; sentados: Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, conde de Ficalho e António Cândido.



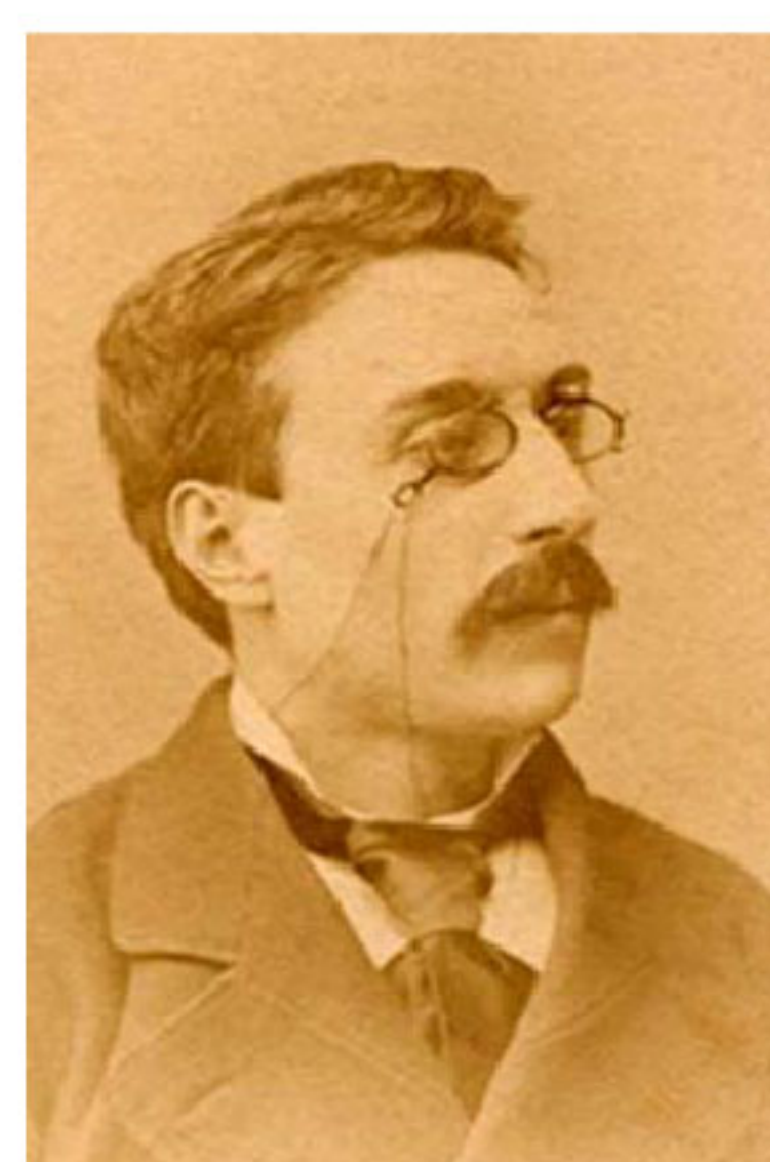
EÇA DE
QUEIROZ
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

¹ Citação retirada de <https://www.facebook.com/memoriaspoveiras/photos/a.1690688991169064/2240819852822639/?type=3&theater>

1866 Termina a Licenciatura de Direito, com 21 anos e fixa-se em Lisboa, exercendo simultaneamente as profissões de advocacia e de jornalismo.

Um ano depois funda o periódico 'O Distrito de Évora', no qual inicia a sua experiência jornalística como diretor e redator.

Neste jornal, no primeiro número, publicado em janeiro de 1867, Eça redige textos sobre a sua conceção de jornalismo. No mesmo ano, em julho, Eça abandona o projeto e regressa a Lisboa retomando a sua colaboração na Gazeta de Portugal.



Eça nos tempos da Faculdade em Coimbra

1869 Recebe o convite do jornal 'Diário Nacional' para ser correspondente e ir assistir à histórica inauguração do Canal do Suez no Egito, na companhia de Luís de Castro. Deste acontecimento resultou a obra "O Egito" publicada postumamente.

Logo de seguida parte em viagem durante seis semanas para a Palestina. As notas desta viagem serviram mais tarde para escrever 'A Relíquia', no qual o protagonista, Teodorico, faz uma viagem a Jerusalém.

Voltando a Portugal e a Lisboa, Eça de Queirós é convidado através do seu amigo Antero de Quental, para integrar um grupo informal de intelectuais de Lisboa que se reuniam aos serões, em casas de particulares, para debater, em tertúlias e saraus, ideias e assuntos que iam da política às artes, da sociedade às ciências, da economia à religião. Este grupo tinha a autodenominação de 'Cenáculo' e pretendia dar a conhecer a Portugal as novas ideias que circulavam na Europa, revolucionar a literatura e a sociedade portuguesa da época.

Naquela época a imprensa era um dos meios primordiais para instigar a mudança.

Cria, juntamente com Antero de Quental, o «poeta satânico» Carlos Fradique Mendes e publicam versos com este heterónimo coletivo no jornal Revolução de Setembro.



Gazeta de Portugal, o periódico no qual Eça publicou o seu primeiro texto



O canal de Suez. Fotografia de H. Arnoux, década de 1870. Eça visitou o local em novembro de 1869, aquando da sua inauguração

1870 É nomeado Administrador do Concelho de Leiria.

Publica nas páginas do Diário de Notícias, de julho a setembro, 56 folhetins epistolares, em coautoria com Ramalho Ortigão, que posteriormente dão origem à obra "O mistério da Estrada de Sintra", com a particularidade de ser a primeira narrativa de cariz policial da literatura portuguesa.

Presta provas para aceder à carreira de Cônsul de 1.ª classe no Ministério dos Negócios Estrangeiros.



Leiria, nos princípios do século XX. Eça administrou o concelho em 1871

1871 Organiza, conjuntamente com o grupo "Cenáculo", uma série de palestras denominadas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense com o intuito de refletirem sobre a sociedade portuguesa e de promoverem debates sobre os grandes temas da época. Eça de Queirós ministra a 4.ª Conferência intitulada de 'A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte'.

No final da quinta conferência os participantes foram surpreendidos por uma proibição governamental que ilegalizava a realização das mesmas.

Eça contesta esta censura e lança a publicação do primeiro número de 'As Farpas', em parceria com Ramalho Ortigão. Através desta revista apresentam um novo e inovador conceito de jornalismo, com o objetivo de «espicaçar a sociedade». Este tipo de jornalismo de ideias, de crítica social e cultural constituiu-se como um marco na literatura, na cultura e na sociedade portuguesa.



Grupo "O Cenáculo"

No final do ano Eça muda-se definitivamente para Leiria para assumir as responsabilidades de administrador do concelho. Nesta cidade reúne textos e informações para escrever o romance "O Crime do Padre Amaro", um dos livros mais notáveis da literatura portuguesa, que tem como cenário Leiria e arredores e que denuncia uma crítica social à hipocrisia da religião e uma crítica à sociedade portuguesa.



As Farpas, Lisboa, 1871

1872 Eça ingressa na carreira diplomática como cônsul, em Havana. Segue-se posteriormente Newcastle (1874), e Bristol (1878), em Inglaterra. Esta estadia em terras inglesas traduz-se na fase mais produtiva da sua carreira literária, de que resultam "O crime do Padre Amaro", "O primo Basílio", "A capital" - editada 25 anos após a sua morte -, e a "Relíquia", entre outros títulos.

Simultaneamente, Eça assegura a atividade jornalística e publica no Diário de Notícias, a rubrica "Cartas de Inglaterra".



Eça em Havana, 1873



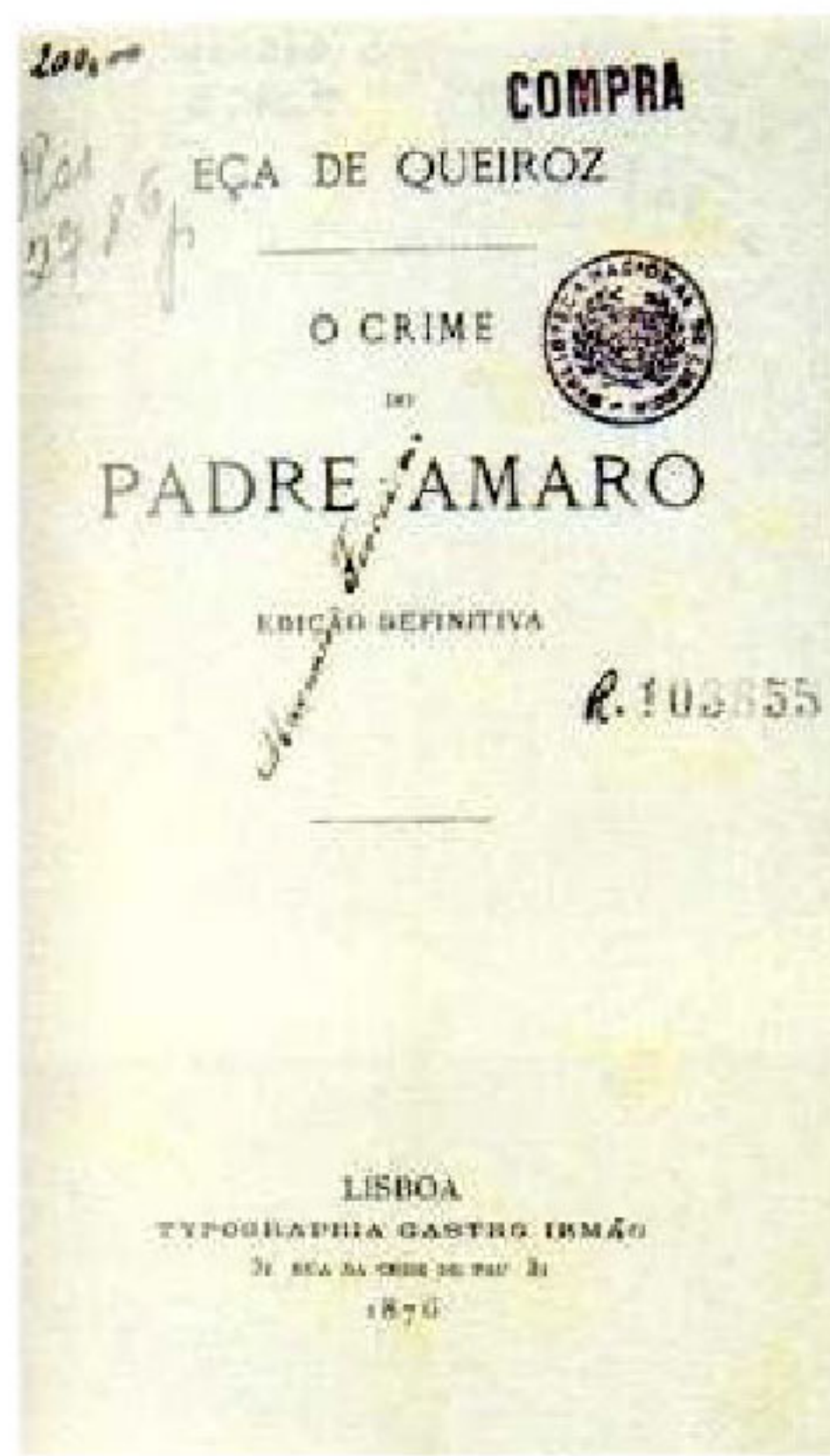
EÇA DE QUEIROZ
MEMÓRIAS LITERÁRIAS



Eça durante a sua visita ao Canadá, em 1873. Fotografia de William Notman



Ramalho e Eça em 1875



O Crime do padre Amaro, 1876, 1.ª edição



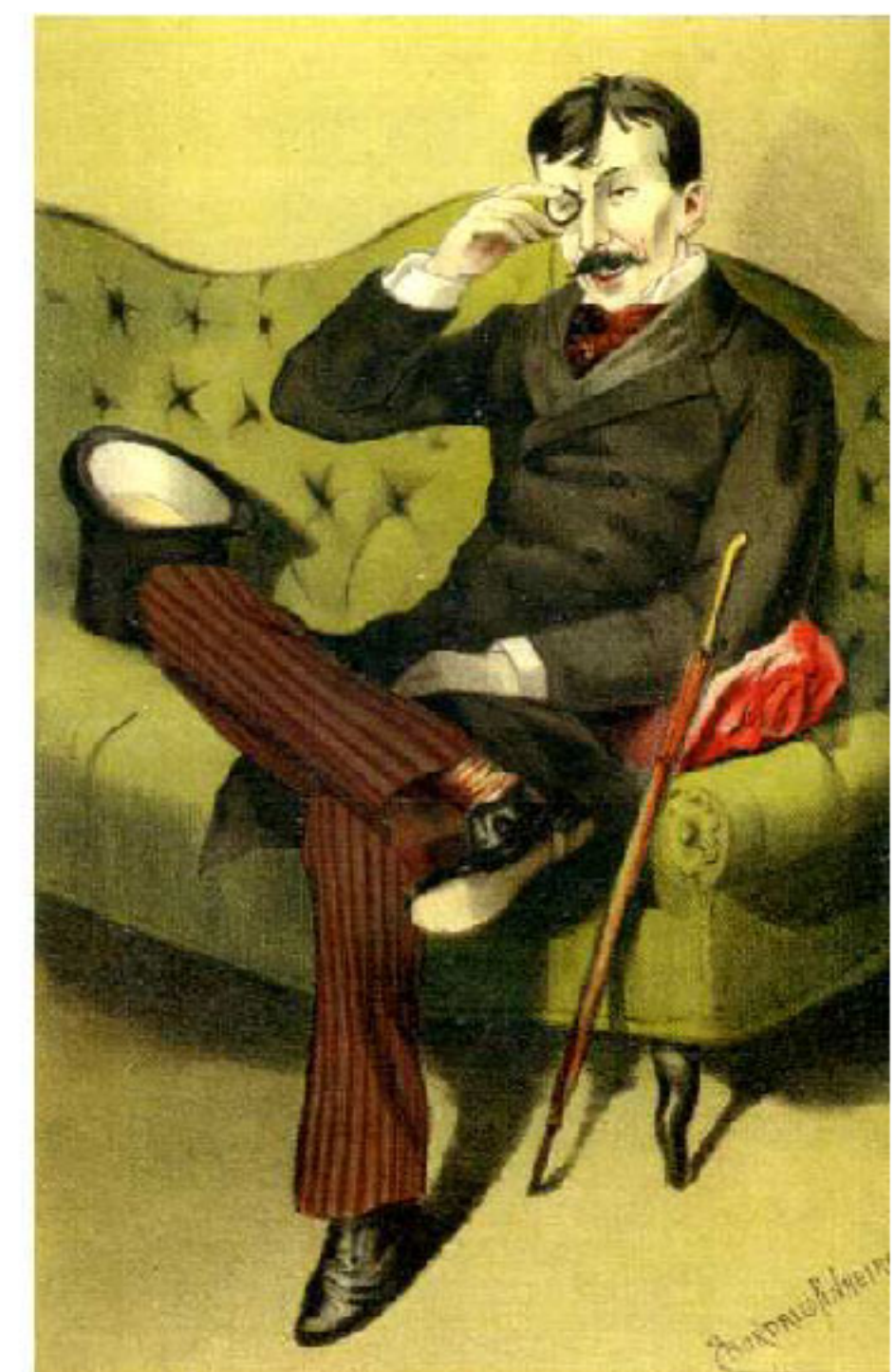
O Primo Basílio, 1878, 1.ª edição



Newcastle, zona do cais, em 1879. Eça residiu nesta cidade entre 1874 e 1879



Eça com os amigos em Newcastle. Fotografia tirada no estúdio de H. S. Menselsohn



Caricatura de Eça feita por Rafael Bordalo Pinheiro para o Álbum das Glórias, em 1880

1886 Depois de um ano de convalescença em Portugal, casa-se com D. Maria Emília de Castro. Regressa a Bristol, já acompanhado da sua jovem esposa, com quem teve quatro filhos, e prefacia os livros "Azulejos" do conde de Arnoso e "O Brasileiro Soares" de Luís de Magalhães.



Emília de Castro, na altura em que se tornou noiva de Eça, 1885



Eça no dia do seu casamento



Casa para onde Eça foi morar após o casamento, em Stoke Bishop, na periferia de Bristol. Aqui residiu entre 1886 e 1888



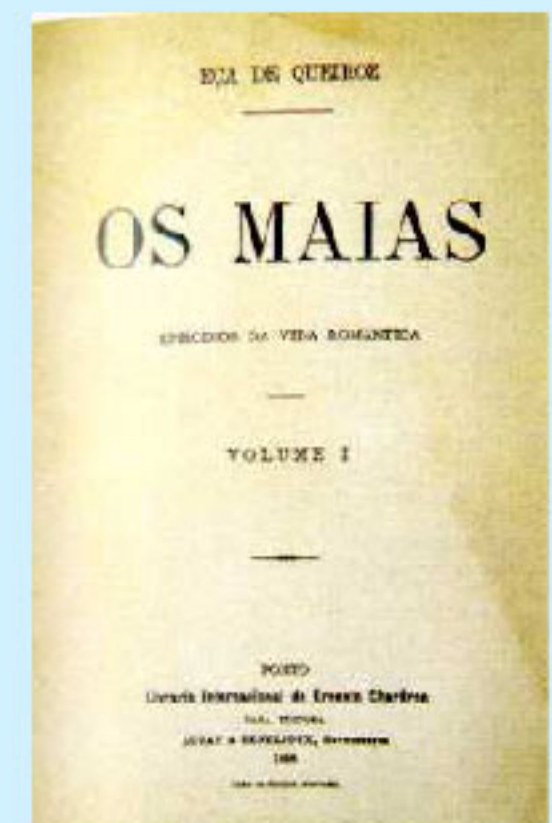
Emília, esposa de Eça, com os seus filhos mais velhos, em 1893



A mulher e os quatro filhos de Eça

1888 É nomeado cônsul, em Paris, e nesse mesmo ano edita o romance 'Os Maias', considerado como a sua obra-prima.

Forma em Lisboa o grupo "Vencidos da vida", que reúne alguns dos antigos membros da "Geração de 70" e funda, em 1889, na capital francesa, a "Revista de Portugal". Em 1894, inicia a escrita de "A ilustre casa de Ramires", organiza, em parceria com José Sarmiento e Henrique Marques, os almanaques enciclopédicos para os anos de 1896 e 1897. Em 1898, publica na Revista Moderna o conto "O suave milagre" e em 1899 organiza a publicação de três romances "A correspondência de Fradique Mendes", "A cidade e as Serras" e "A Ilustre Casa de Ramires".



O 1.º volume de Os Maias, 1888



Eça em Paris, 1897



Eça no jardim da sua casa de Neuilly, em Paris



Eça no seu escritório, em 1897, Neuilly - Paris



Emília e Eça nos jardins da sua casa em Neuilly, uma zona chique de Paris



Eça e os filhos Maria e José Maria na sua casa em Neuilly



Grupo Vencidos da Vida em 1888



Grupo Vencidos da Vida, em 1889, nos jardins da casa do conde de Arnoso, na Lapa



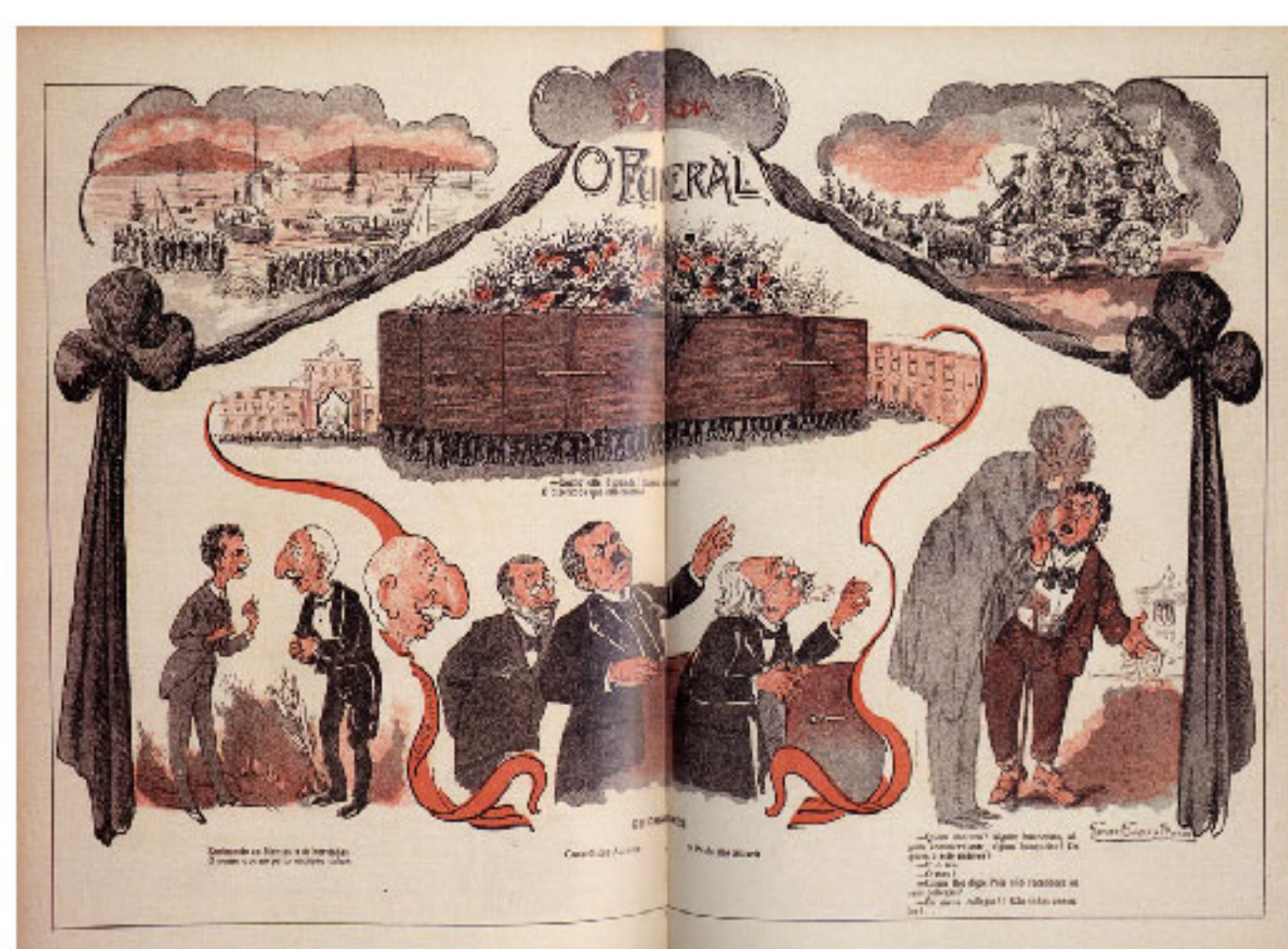
EÇA DE QUEIROZ
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Com a saúde debilitada, resultado de uma doença incerta, parte para a Suíça com o amigo Ramalho Ortigão. No entanto, não perspetivando melhoras regressa novamente a Paris. Falece na sua casa de Neuilly-sur-Seine, perto de Paris, com apenas 55 anos. O seu corpo é trasladado para Portugal.

A sua morte inesperada deixou um profundo vazio entre os seus familiares e amigos que acorreram a homenageá-lo no funeral de Estado que recebeu as reverências cerimoniais próprias a um embaixador nacional de Portugal. O seu corpo foi depois sepultado em Santa Cruz do Douro, em Baião.



Eça, pouco tempo antes de morrer



Caricatura do funeral de Eça. Gravura de Rafael Bordalo Pinheiro. In *A Paródia*, Lisboa, 1900, vol. 1. p. 292-293



Eça e Ramalho



Nota de 10 escudos de 1925, Eça de Queiroz

Referências bibliográficas:

Eça de Queiroz [Em linha] . (2020) . [Consult. 22 de junho 2020] Disponível na Internet <<https://feq.pt/o-escritor/> >

Eça de Queirós: escritor português [Em linha] . (2020) . [Consult. 22 de junho 2020] Disponível na Internet <https://www.ebiografia.com/eca_queiroz/>

Eça de Queirós [Em linha] . (2020) . [Consult. 22 de junho 2020] Disponível na Internet <https://www.luso-livros.net/biografia/eca-de-queiros/>

MATOS, A. Campos - Eça de Queiroz uma biografia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016
MÓNICA, Maria Filomena Mónica - Eça de Queirós. Lisboa: Quetzal, 2009

AFINIDADES A PONTE DE LIMA

Eça de Queirós está ligado por afinidade de parentesco e de amizade a Ponte de Lima, através da sua ascendência e por laços de amizade a António Feijó - ilustre poeta da terra e um dos maiores vultos da cultura literária limiana - com quem partilhou a carreira diplomática e o amor à literatura.

Os laços genealógicos advêm de seu pai, José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, que exerceu o cargo de Delegado do Procurador Régio, em Ponte de Lima, como testemunha a carta dirigida à então companheira, D. Carolina Augusta Pereira de Eça, datada de 18 de novembro de 1845 – sete dias antes do nascimento do distinto escritor –, e transcrita na obra de Severino Costa - Eça de Queiroz: subsídios biográficos –, que passamos a reproduzir:

"Senhora:

Ponte de Lima, 18 de Novembro de 1845.

Recebi carta de meu pai, que novamente me recomenda a criação de meu filho, e se me oferece para mandá-lo criar no Porto, em companhia de minha família quando a senhora nisto convenha. Espero, pois, a sua resposta para nessa diligência escrever a meu pai. Ele recomenda igualmente – e também o deseja – que no assento de baptismo se declare ser meu filho, sem todavia se mandar anunciar o nome da mãe. Isto é essencial para o destino futuro de meu filho, e para que, no caso de se verificar o meu casamento consigo – o que talvez haja de acontecer brevemente – não seja precisa em tempo algum justificação de filiação. Espero se ponha ao nosso filho o meu ou o seu nome, conforme deva ser. Acredite sempre nas minhas sinceras tenções – e agora mais do que nunca. Queiroz."¹

A relação de estreita amizade de Eça com Feijó, apesar dos catorze anos de diferença entre ambos, é apresentada por A. Campos Matos, na obra *O mistério da estrada de Ponte do Lima: António Feijó e Eça de Queiroz*, comprovando que o autor limiano privava com ilustres literatos do seu tempo, tais como Eça, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Luís de Magalhães, entre outros. Embora esta amizade não se encontre corroborada em nenhuma epistolografia entre os dois escritores, são várias as cartas do autor de *Os Maias*, para a sua esposa, D. Emília de Castro, com múltiplas alusões à camaradagem de ambos e vários episódios que retratam o convívio com o poeta limiano: **"Não te escrevi ontem porque estive incomodado. Arranjei uma tremenda indigestão, não sei se no pérfido Espanhol onde banqueteara com Feijó – se depois com umas batatas fritas à americana, tomadas em forma de ceia"**.²



António Feijó



Eça de Queirós



EÇA DE
QUEIROZ
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

A ligação entre Eça e Feijó é evidentemente marcada pelas relações sociais e de afeto. Ambos acompanhavam as respetivas carreiras além-fronteiras e seguiam com proximidade os escritos que os dois difundiam. A esse respeito apresentamos a apreciação de Feijó ao recém-lançado romance Os Maias extraído da correspondência com um dos seus melhores amigos – Luís Magalhães –: ***"Já cá chegaram (...). Parece-me que o Queiroz não fez outro «Crime do Padre Amaro». «Os Maias» davam à vontade 4 ou 5 belos romances, mas assim tudo junto, à parte belezas incontestáveis, e personagens admiravelmente criadas, fez uma trapalhada com toda a velha piperie de Ana de Radcliff. Agora é que principiou a publicar na «Gazeta de Notícias» uma série de folhetins que vão ser decerto uma obra prima. Intitulam-se «A correspondência de Fradique Mendes.» Já vou no 5.º ou 6.º descrevendo o personagem. O último termina no Egipto, num quarto de hotel, com Fradique, M. Queiroz e Théophile Gautier. Se ainda não chegou esta novidade e a quiseses manda-me dizer que posso enviar jornais".***³

A ligação de afeto de António Feijó a Eça de Queirós certifica-se também pela extraordinária coincidência da visita do limiano a Eça, na sua casa próxima de Paris, exatamente na hora de falecimento do autor de "O crime do Padre Amaro". A descrição deste fatídico acontecimento é relatada de forma dolorosa, amargurada e sentida por Feijó nove dias depois, já em Estocolmo: ***"(...) Imaginava que o pobre Queiroz estava na Suíça e o Rosa em Contrexéville. Não fui procura-los por isso logo no primeiro dia da minha chegada e estava até disposto a partir sem ir a casa deles por falta de tempo. Como porém na véspera da partida fui a Passy para ver uma tia da minha noiva, por descargo de consciência mandei o cocheiro bater para Neuilly, com a intenção de deixar bilhetes ao Queiroz e à D. Emília participando-lhes o meu casamento. Imagina tu do meu espanto e da minha dor quando à entrada da porta, perguntando ao concierge se os senhores já tinham voltado da Suíça, este me responde, o senhor Queiroz morreu agora mesmo! Fiquei como fulminado, e nem me atrevi a entrar. Corri para casa do Rosa, ao acaso, para perguntar onde morava o Bartolomeu Ferreira e dar-lhe parte do acontecido. Quando cheguei à legação encontrei o Rosa a sair a porta. Já sabia e ia para Neuilly. Tinha chegado dois dias antes de Contrexéville e tinha naquela manhã estado na casa do Queiroz, a conversar muito animadamente, porque o nosso grande amigo nunca soube que ia morrer! Deixa os filhos e a mulher, segundo creio, em muito má situação. Não me parece porém que o Parlamento possa recusar uma pensão tendo-a votado aos filhos do Camilo e João de Deus. Eu lembrei isto ao Rosa, antes de partir. Passei a noite com ele em Neuilly, regulando e discutido com o cangalheiro os detalhes do enterro. Quando havia de eu pensar semelhante coisa! (...)".***⁴

A união entre Eça e Feijó reflete-se também nas semelhanças literárias identificadas por A. Campos Matos levando-o a tecer comparações entre a dupla Eça/Ramalho – que no Diário de Notícias publicavam os folhetins epistolares, em jeito de narrativa policial anónima, intitulados O mistério da estrada de Sintra,- e António Feijó que remetia cartas ao jornal O Comércio do Lima referentes a um alegado enredo de crime e mistério, conhecido por A história dos carecas de Faldejães.



Capa do livro "Os carecas de Ponte de Lima"



Capa do livro "O Mistério da Estrada de Lima: António Feijó e Eça de Queiroz"



EÇA DE QUEIROZ
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

¹ COSTA, Severino – Eça de Queiroz: subsídios biográficos. Viana do Castelo: [s.n.], 1979, pp. 29-30
² MATOS, A. Campos – O mistério da estrada de Ponte de Lima: António Feijó e Eça de Queiroz. Lisboa: Livros Horizonte, 2011. ISBN 972-24-1176-4, p. 11
³ Idem, ibidem, p. 13
Idem, ibidem, p. 14